

**ESTRANHAMENTO E ALIENAÇÃO EM O PLANETA DO SR.  
SAMMLER, DE SAUL BELLOW**  
*STRANGENESS AND ALIENATION IN SAUL BELLOW'S MR.  
SAMMLER'S PLANET*

Thais Kuperman Lancman<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo analisar a presença de elementos de estranhamento e alienação no romance *O Planeta do Sr. Sammler*, de Saul Bellow, temas frequentes na obra desse autor. Nesse romance, tais características ganham uma forma peculiar, trazendo esses conceitos a uma reflexão acerca do conflito de gerações, do trauma do Holocausto e da posição do judeu na diversificada sociedade americana.

**Palavras-chave:** Saul Bellow. O Planeta do Sr. Sammler. Alienação. Estranhamento.

**ABSTRACT**

This article aims to analyze the presence of elements of strangeness and alienation in Saul Bellow's novel *Mr. Sammler's Planet*, two common themes in his works. In this novel, these elements are represented in a peculiar way, leading towards a reflection about generation gaps, the trauma of the Holocaust and the position of the Jews within the diversity of American society.

**Keywords:** Saul Bellow. Mr. Sammler's Planet. Alienation. Strangeness.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Judaicos no Centro de Estudos Judaicos e Árabes da Universidade de São Paulo.  
lank.thais@gmail.com

## INTRODUÇÃO

*O Planeta do Sr. Sammler* é um romance de Saul Bellow (1915-2005) publicado pela primeira vez em 1970. Seu enredo é centrado em Artur Sammler, sobrevivente do Holocausto que, após ser resgatado por um parente de sua mulher, vive em Nova York em um constante distanciamento da cidade e de seus habitantes. Ele convive com familiares, sua filha Shula-Slawa, e com o pesquisador indiano Govinda Lal, de quem ela roubou o original de uma pesquisa sobre a colonização da Lua, na esperança de que o estudo ajudaria Sammler a completar um projeto antigo de escrever sobre o escritor de ficção científica H. G. Wells.

Embora considerada uma obra menor de Bellow por seus estudiosos, ou ainda menos relevante que romances como *Herzog* e *O Legado de Humboldt*, *O Planeta do Sr. Sammler* foi um dos trabalhos de Saul Bellow que lhe rendeu o renomado prêmio National Book Award, em 1971. Esse romance de Bellow ainda se destaca no rol de obras do autor por ser o único que trabalha a figura do imigrante sobrevivente do Holocausto, apesar de inserido no padrão de protagonistas de Saul Bellow, imbuído das três contradições em que se fundamenta a prosa do autor segundo John Jacob Clayton, como explicado a seguir.

### 1 SAMMLER E OS OUTROS PROTAGONISTAS DE BELLOW

Obviamente, reduzir *O Planeta do Sr. Sammler* a um romance sobre o Holocausto seria um equívoco. Ele trata do Holocausto à maneira de Bellow e, para compreendê-lo, é preciso inseri-lo no contexto da produção de Saul Bellow. Nos principais romances do autor, nota-se o uso contínuo de protagonistas deslocados da sociedade, com uma forte filosofia humanista que, em determinado momento, veem-se em um exílio necessário dessa sociedade como forma de fazer as pazes com a humanidade.

Em *Herzog* (1964), por exemplo, romance lançado imediatamente antes de *O Planeta do Sr. Sammler*, o protagonista é um intelectual que, ao ser traído pela mulher e pelo melhor amigo, desliga-se do seu círculo social e intelectual, passando a conviver com pessoas mortas e vivas por meio de cartas que ele

escreve e nunca envia, vivendo em uma casa de campo afastado das metrópoles.

Em *O Planeta do Sr. Sammler*, a fórmula também é aplicável. O protagonista, forçadamente retirado da sua vida europeia – ele não se enxergava como judeu, e sim como europeu –, vive alienado da sociedade norte-americana, sintetizada em Nova York, com sua população miscigenada e com a revolução sexual em curso.

Esse processo de alienação e religação à sociedade que Bellow explicita em nessa obra pode ser entendido à luz de sua obra vista como um todo, conforme John Jacob Clayton resume em *Saul Bellow In Defense of Man*. Para Clayton (1968), os protagonistas de Bellow “defendem a raça humana para defenderem a eles mesmos” (p. 24). Dessa forma, explica Clayton, são personagens que buscam uma redenção individual como forma de redimir a sociedade como um todo.

As obras de Bellow são construções acerca da dificuldade dessa redenção e, por vezes, da impossibilidade de sua completude. Embora *Saul Bellow In Defense of Man* seja anterior a *O Planeta do Sr. Sammler*, essa teoria é válida para o romance. Assim, é possível identificar no romance o que Clayton (1968, p. 4) situa como três contradições inter-relacionadas presentes em todos os protagonistas construídos por Bellow.

A primeira contradição é o posicionamento contrário ao niilismo cultural do século XX e à degeneração da vida na sociedade moderna, ao mesmo tempo que o autor é, ele mesmo, depressivo e horrorizado com o esvaziamento da vida moderna. Sem fazer colocações a respeito de eventuais semelhanças entre Saul Bellow e Artur Sammler, convém identificar no protagonista da obra essa crítica ao cenário cultural na qual ele se insere.

Surgia a questão se a cultura ocidental conseguiria sobreviver à disseminação universal. [...] Ou ainda, se os piores inimigos da civilização não seriam, afinal, os seus próprios e néscios intelectuais que não se cansavam de atacá-la nos seus momentos de maior fraqueza – atacavam-na em nome de uma revolução proletária, em nome da razão, em nome da irracionalidade, em nome da profundidade visceral, em nome

do sexo, em nome de uma liberdade instantânea e perfeita.  
(BELLOW, 1982, p. 35).

Nesse trecho, a contradição de Bellow é explicada como gerada na própria cultura. Assim, tudo aquilo que foi estabelecido no século XIX gerou a cultura com a qual Sammler convive, inclusive os extremistas, os revolucionários, capazes de destruí-la em prol de valores vazios. Ele via a moda atual como um romantismo sombrio, em que todos viviam como nobres de Versalhes, e essa nobreza desemboca em uma escatológica falta de pudor.

A segunda contradição apontada por Clayton é a maneira com que Bellow rejeita a alienação da literatura moderna e valoriza a fraternidade e a ideia de comunidade, mesmo com protagonistas masoquistas e alienados. Na mesma linha, Irving Malin (1969, p. 9) nota que “Bellow percebe que é na solidão, uma vez que o indivíduo aprende não a suportar mas a se transformar nessa solidão, que ele pode redescobrir sua identidade e sua amizade com os outros” (MALIN, 1969, p. 9).

Em *O Planeta do Sr. Sammler*, essa contradição é bastante aparente. Artur Sammler, “um refugiado em Manhattan”, “não era tímido por natureza, mas já tivera suficientes dissabores no decorrer da sua vida para não desejar outros mais” (BELLOW, 1982 p. 7). Seja pelo seu passado de busca para ser o mais britânico possível, pela experiência traumática do Holocausto, pela diferença de idade em relação a todos com quem convive, ou pela visão de mundo peculiar, Sammler vive em estado de alienação, tem um olhar alienígena sobre a cidade e seus habitantes. Os seus dissabores, que ainda o assombram, podem ser interpretados como o canal de seu masoquismo, as memórias que o torturam e que ele reconhece que jamais serão acomodadas.

Ainda assim, embora exista todo esse azedume na visão de mundo de Sammler, há espaço para um desejo de conexão com a humanidade e de valorização da fraternidade, como Clayton define. Assim, o protagonista se enxerga: “ele próprio era apenas um fragmento, compreendeu o Sr. Sammler. E feliz em ser aquilo. A totalidade estava tão fora de seus poderes como

construir um Rolls-Royce, peça por peça, com as próprias mãos”(BELLOW, 1982, p. 178).

Ao se reconhecer apenas um fragmento da humanidade em vez de um símbolo, o que ele rejeita e nem mesmo entende a origem, abre a possibilidade de ligar-se ao todo. A partir daí, insere-se na humanidade e no planeta Terra, o qual vê como grande túmulo onde todas as pessoas são ou serão sepultadas um dia, e na possibilidade de colonizar a Lua (proposta por Govinda Lal) como saída para ele como indivíduo e como ser humano. Tal reconhecimento, de rele fragmento, é a transformação em curso do protagonista nessa obra, passando de isolado em seu intelectualismo europeu para uma visão da América como sucessora natural, inevitável e necessária desse racionalismo, em vez da destruição que antes vislumbrara. Assim, é nessa Sodoma e Gomorra (BELLOW 1982, p. 294) que ele pode encontrar um sentido totalizante para a vida, seja porque é o único lugar possível para ele, seja porque o acaso levou a ela, ou por ser a única coisa a se fazer na vida.

A terceira contradição que Clayton aponta é a frequente valorização da individualidade de Bellow, ao mesmo tempo que o autor aponta para a individualidade como indesejável, fardo que aparta a pessoa de qualquer amor. Este apontamento de Clayton contribui com a compreensão do último parágrafo dessa obra, em que o protagonista reflete acerca do falecimento de Elya Gruner (que resgatou Sammler da Europa e o sustentou):

Este homem foi muito mais bondoso do que eu jamais fui ou poderei ser. Ele compreendia que tinha um encontro e não se esquivou – através de toda confusão e palhaçada degradante desta vida, pela qual todos nós estamos passando em alta velocidade –, cumpriu os termos do seu contrato. Os termos que, no fundo do seu coração, todo homem conhece. Como eu conheço os meus. Como todos sabem. (BELLOW, 1982, p. 302).

As opiniões de Sammler são o que importa no romance (GUTTMAN, 1973), ou seja, o que faz esse protagonista ter algum valor em toda a confusão da vida moderna em Nova York é todo o pensamento que ele faz dela, nada disso importa se não o leva a conhecer e cumprir os tais “termos do contrato”.

Termos estes que, embora não fiquem explícitos na obra, estão no âmago de cada um e que se tornam acessíveis por meio da bondade e a fraternidade de homens como Elya.

O que se pode apreender desse “contrato” sobre o qual Sammler reflete é que, embora cada indivíduo tenha os seus termos particulares, eles se somam a uma massa totalizante de todas as pessoas. Assim, é nessa nulidade de termos e desgraças pessoais que reside conforto e possibilidade de tranquilidade e paz, o que, afinal, é o ideal do protagonista de Bellow em diversos romances, muito mais do que sucesso, grandeza, ou reconhecimento dos pares.

## **2 O PLANETA E O EXTRATERRESTRE**

Sammler, então, em uma espécie de purgatório do mundo em que estavam suas bases morais e históricas convive ao mesmo tempo com o estranhamento e com os fantasmas do passado. O próprio título do romance já antecipa essa ideia. Como pode se referir a um planeta no título, sendo uma obra que trata da relação de um homem com a cidade e seus habitantes? É possível entender que as memórias e os traumas fizeram de Sammler um homem isolado como se, de fato, estivesse em outro planeta: “uma ilha de meditação na ilha de Manhattan” (BELLOW, 1982, p. 74).

Essa posição adotada pelo protagonista é, também, a proposta de toda a literatura desenvolvida por Bellow. Ele se coloca frente a frente com a sociedade americana, e se separa dela como forma de desempenhar um papel de alienígena (BELLOW, 2005)<sup>2</sup>.

Mais do que isso, sua posição acerca do lugar em que ele vive é de total estranhamento, sem nenhum apego. Ele enxerga o mundo como se fosse um extraterrestre e assim os outros o veem também. Ele é um símbolo e não sabe do que é símbolo (BELLOW, 1982, p. 90), ao mesmo tempo que sua posição de estrangeiro lhe possibilita fazer uma análise dura da revolução sexual, sem

---

<sup>2</sup> O termo usado por Bellow é “alien”, que pode significar tanto alienígena quanto estrangeiro.

se deixar abalar pelo sentimentalismo ou pelo isolamento, ou por acusações de racismo e machismo.

Cabe ainda analisar esse planeta de Sammler como a própria Terra. Trata-se, então, da história do reconhecimento de Artur como parte da humanidade, uma análise na mesma linha do estudo que Malin faz da solidão na literatura de Bellow, e também da segunda contradição que Clayton aponta a respeito do autor. Sendo a Terra o planeta de Sammler, cabe a ele dar-se conta dela, aceitar que aquele é o seu local e onde “será sepultado” (BELLOW, 1982, p. 178) como os demais. A morte, por mais solitária que seja, é uma união de solidões, se todos estão sepultados no mesmo local: o planeta Terra. A morte e o sepultamento são metáforas para a própria vida pós quase morte de Sammler. Assim como se aceita a morte, é preciso aceitar a vida como ela é. Assim, o estudo de Govinda Lal para colonizar a Lua, por mais tentador que pareça, é impossível para Sammler. Ele reconhece que a Terra, com todos os seus problemas, é o seu lugar, rejeita qualquer desejo de ir ao satélite, se fosse possível, sob a justificativa de não estar interessado no ilimitado. O planeta de Sammler, definitivamente, é a Terra.

Essa aceitação, para Sammler, está relacionada a ser um judeu, e, portanto, um oriental (BELLOW, 1982, p. 179). A ideia do judeu como oriental é frequente no romance e repetida posteriormente por Bellow em *O Legado de Humboldt*<sup>3</sup>, e aproxima Sammler do professor Lal. A diferença entre os dois, porém, é que o acadêmico é um homem do infinito, e Sammler, do aprofundamento, alguém que precisa de limites, e isso está diretamente ligado a ser judeu. O judaísmo, então, é o que coloca limites em Sammler, ainda que amplos e difíceis de medir.

Essa ideia ecoa no final do romance, quando Sammler fala dos termos de contrato que cada indivíduo possui com Deus. Quando Sammler assume seu conforto em estar no limitado, então, reconhece-se nesse contrato. Embora não conheça quais são os termos do seu contrato particular com Deus, sabe que há

---

<sup>3</sup> Charlie, personagem principal do romance, compara-se à ex-mulher: “Ele, um oriental, ela uma donzela cristã, o que a apavorava”. (Bellow, 1977, p. 33).

um acordo, da mesma forma que precisa saber que há limites para a existência, ainda que intangíveis.

A necessidade de limites que Sammler manifesta também se reflete no plano ideológico. Ao vermos o romance como uma declaração contrária aos radicalismos dos anos 1970, temos um protagonista que se contrapõe, em favor de limites. Nesse sentido, é possível entender o interesse de Sammler em escrever a biografia de H. G. Wells (1866-1946), escritor britânico e membro da Sociedade Fabiana, que defendia um socialismo pragmático no lugar das correntes utópicas que eram comuns no século XIX.

Em *A Máquina do Tempo*, Wells desenvolve ideias com paralelos em *O Planeta do Sr. Sammler*. O enredo consiste em um viajante do tempo que chega ao ano 802.701, quando conhece o povo Elói, pacífico e dócil. Embora tudo pareça ser perfeito, os Elóis são ameaçados pelos Morlocks, predadores que vivem em um mundo subterrâneo.

O conflito entre Elóis e Morlocks parece bastante com os dilemas da sociedade iguais aos vistos por Sammler. Ao se debater com a cultura extremista dos anos 1960, ele é como um Elói que vê os Morlocks se aproximando. Os Morlocks são brutos, em oposição aos educados Elóis. Essa dicotomia, Sammler enxerga na América inevitavelmente dominada pela brutalidade.

### **3 A PERDA DO OLHO**

Na mesma lógica, é possível analisar a perda do olho de Sammler. Trata-se de uma marca do Holocausto que o protagonista carrega no rosto e, portanto, exhibe-a ao mundo assim que pisa na rua, tal qual o homem invisível de Wells, quando está enfaixado. A única maneira que Sammler pode se colocar na sociedade é como tal, querendo ou não. Por outro lado, também é uma metáfora para uma alteração no olhar. A visão de Artur Sammler da cidade de Nova York e das outras pessoas é uma visão de quem sobreviveu ao Holocausto, e, mais do que isso, a percepção particular de Sammler acerca da cidade, refletida em descrições de sons e cheiros. Ela pode parecer limitada, pois se trata de uma cegueira parcial, mas é também única.



Cabe então comparar Artur Sammler com o protagonista do conto *O Barão Schmule*, de Karl Emil Franzos.

Karl Emil Franzos foi um escritor austríaco da segunda metade do século XIX, que produziu obras de ficção e não ficção. O principal tema de seu trabalho eram os judeus da Galícia e da Bucovina, regiões da Europa Oriental que estavam entre as mais pobres do Império Austro-Húngaro. Franzos defendia a assimilação dos judeus à cultura germânica como forma de progredir, retratando o *Ostjude* (judeu oriental) com características de atraso cultural e mazelas morais.

*O Barão Schmule* é um conto de Franzos publicado originalmente na obra *Die Juden von Barnow* (Os Judeus de Barnow), de 1874. Nesse conto que se passa na região de Bucovina, Schmule é um jovem judeu miserável que perde o olho direito ainda criança com um golpe de chibata proferido por um não judeu. O acontecimento orienta sua trajetória na vida, deixa-o “dez anos mais velho”. Mais do que isso, ele se torna determinado, com a lógica da flecha no lugar do pião, a trabalhar, enriquecer e fazer justiça, para ter seu direito em relação ao antigo barão, que desferiu o tal golpe.

A semelhança entre os dois protagonistas, que perdem um olho em um episódio diretamente ligado ao antissemitismo, leva a um questionamento a respeito da leitura que pode ser feita de Sammler e Schmule como retratos do judeu em seus respectivos locais e épocas.

A transformação de Schmule metaforizada na flecha e no pião sintetiza a ideia explorada por Franzos de crítica ao *Ostjude* e defesa do progresso. O pião seria o judeu oriental, que gira em torno do seu próprio eixo, não evolui, enquanto a flecha é a determinação, a possibilidade de avançar em direção a algo, os ideais modernos de esforço individual e progresso. A ideia da flecha se resume no conceito de *Bildung*:

A palavra alemã *Bildung* significa, genericamente, "cultura" e pode ser considerado o duplo germânico da palavra *Kultur*, de origem latina. Porém, *Bildung* remete a vários outros registros, em virtude, antes de tudo, de seu riquíssimo campo semântico: *Bild*, imagem, *Einbildungskraft*, imaginação, *Ausbildung*, desenvolvimento, *Bildsamkeit*, flexibilidade ou plasticidade, *Vorbild*, modelo, *Nachbild*, cópia,

e *Urbild*, arquétipo. Utilizamos *Bildung* para falar no grau de "formação" de um indivíduo, um povo, uma língua, uma arte: e é a partir do horizonte da arte que se determina, no mais das vezes, *Bildung*. Sobretudo, a palavra alemã tem uma forte conotação pedagógica e designa a formação como *processo*. (BERMAN, 1984, p. 142).

Assim, a ideia de *Bildung* significa a formação do indivíduo, passando a ser alguém inserido na cultura, mas com a compreensão de que se trata de um processo de formação, de educação contínua.

Em contraposição a Schmule, Artur Sammler, vivendo na cidade de Nova York dos anos 1960, lembra da perda de seu olho ainda na Polônia durante a Segunda Guerra Mundial, onde driblou a morte em um campo de concentração. A experiência, diz Sammler, deixou-o deformado e obcecado. Entretanto, ele não age em busca de justiça – e poderia? –, sabendo que cumpre uma tarefa simbólica ao mesmo tempo que não consegue determinar do que é símbolo. Portanto, Sammler, diferentemente de Schmule, permanece como pião, dissolvendo-se na metrópole e na modernidade, sem avançar.

É possível relacionar a narrativa do Barão Schmule com a filosofia que Franzos inseriu em toda sua produção, abraçando a *Bildung* como ideal e enxergando o *Ostjude*, judeu oriental ortodoxo e aliado a uma filosofia obscurantista, como atraso e *persona non grata* na construção da identidade judaica. A sua deformidade e conseqüente redução da visão pode ser interpretada como uma metáfora para o próprio descarte de outros componentes na sua visão de mundo. A obstinação, paradoxalmente, leva à conversão ao cristianismo do personagem, mas até isso pode ser interpretado como um destino concreto e provável para os judeus alemães na visão de Franzos, se isso levasse ao desenvolvimento e inserção na sociedade.

Já Sammler é um crítico à modernidade, na linha da crítica que é uma agenda de Saul Bellow (fundamentada nas contradições que Clayton aponta). Sua postura reacionária além de ser racional é defendida por ele. Embora o Holocausto seja para ele uma conseqüência inesperada do racionalismo europeu que tanto defendera, não é na sociedade americana que ele vê uma

saída. Pelo contrário, ele vê aquilo como mais um extremismo, uma nova deturpação.

A mutilação de Sammler tem efeitos diferentes na narrativa. Se Schmule se volta para seu histórico pessoal, o personagem que vive na América se volta para a humanidade. Para ele, não há um crime alemão ou nazista a se fazer justiça, nem mesmo uma entidade contra a qual deveriam se voltar as vítimas do Holocausto. Trata-se de uma conspiração contra o valor da vida humana” (BELLOW, 1982, p. 20). Ele se sente impotente e anacrônico, e o próprio desafio filosófico que coloca para si corrobora com essa situação: como não se sentir pequeno concentrado no fim do mundo e nas possibilidades de colonização fora do planeta Terra? Ao mesmo tempo, como não se sentir deslocado quando para todos é vislumbrado um novo começo e ele carrega no rosto a marca do passado como “destino de tentar descobrir certas coisas, condensar, em pensamentos resumidos, alguma essência das suas experiências” (BELLOW, 1982, p. 265).

Dessa forma, se a falta de olho de Schmule fez ele andar, a situação análoga de Sammler o estacionou onde quer que chegasse. Se o acaso o levou a Nova York, lá seria o ponto de partida de suas reflexões. É como se a combinação das duas situações fosse a resposta de um ao outro: o progresso que se imaginava no século XIX não foi possível, e as tentativas fracassaram. Entretanto, Sammler não é totalmente pessimista. Ele via, pelo menos nos outros, a possibilidade de um abandono desse planeta e a fundação de novas cidades em outro lugar do universo. Quanto a ele próprio, carregando o passado, era um eterno preocupado com a finitude, o mistério de morrer, o estado da morte, esperando por ela. Ele mesmo questionava se a sua sobrevivência não havia criado uma obrigação perante os fatos.

Há ainda que se comparar a relação entre a visão prejudicada dos dois personagens e a construção de sua identidade. Na narrativa de Franzos, a chicoteada é o disparador do processo de transformação de Schmule em exemplar como judeu moderno, convertendo-se até para chegar ao lugar que julga merecido na sociedade. Já Bellow coloca Sammler inicialmente como um europeu, que reconhece que consegue ter mais identificação ao final da vida

com um indiano, Govinda Lal, por suas raízes judaicas apontarem para um orientalismo, do que com a América ou a Europa que abandonara.

O termo *Ostjude*, que resume o padrão de vida rechaçado por Franzos, é citado por Bellow quando Sammler se encontra com Ângela e expõe suas conclusões a respeito de seu pai, Elya Gruner, que está prestes a morrer. “Ela (a mãe de Ângela) queria refinar seu pai, um *Ostjude*.” (BELLOW, 1982, p. 292), diz Sammler, falando também da mulher descrita como uma judia alemã que cultivava o estilo WASP. Dessa forma, Bellow também insere em seu romance a figura do alemão que deseja transformar o *Ostjude* no que imagina como ideal de Ocidental e, logo, de progresso. Entretanto, ao dizer que Ângela é uma admiradora do estilo WASP, e ao se referir a tal estilo como “fora de moda”, ele questiona essa obsessão pelo progresso e pelo desenraizamento do Oriente, afinal, como se os valores da *Bildung* ou da sociedade americana não passassem de modas, enquanto aquilo que é considerado o atraso do judeu oriental permanece com o passar dos séculos.

O dilema Ocidente-Oriente, que é quase uma agenda na obra de Franzos, é uma característica importante de *O Planeta do Sr. Sammler*. Para Sammler, o Holocausto representa a falência dos valores em que acreditava: o racionalismo europeu. Na América, ele depara com a revolução sexual – sintetizada na promiscuidade da sua sobrinha – e com uma nova dinâmica dos conflitos raciais, explicitados pelos encontros de Sammler com o batedor de carteiras negro.

#### **4 O BATEDOR DE CARTEIRAS NEGRO**

Um dos embates constantes de Sammler com a vida em Nova York são os encontros constantes com um batedor de carteiras. Sammler observa-o em ação, roubando pessoas no ônibus, chamando atenção tanto pela ação sorrateira quanto pela elegância. O narrador destaca os óculos Christian Dior, a gravata de seda e outros artigos de luxo do ladrão. E Sammler, depois de assistir ao furto, “desejava muitíssimo ver aquilo de novo” (BELLOW, 1982, p. 13).

Os encontros de Sammler com o batedor de carteiras negro do ônibus são explorados de diversas formas por Bellow no decorrer da narrativa. Há, no enredo, três momentos principais em que os dois personagens se encontram. O primeiro, em que apenas Sammler observa o outro homem, a cena em que o negro persegue Sammler e lhe mostra seu pênis, e Sammler vendo o negro ser espancado.

Sammler observa o ladrão negro por vários dias seguidos e conhece sua maneira de agir. O que lhe chama atenção, além da agilidade em furtar, é a elegância do ladrão, comparável à dos britânicos. Com medo de ser pego, Artur se sente nervoso, como se ele fosse o criminoso, e sente o “sopro da Polônia em guerra” (BELLOW, 1982, p. 7) passar. Esse sopro ainda é em parte incompreendido pelo personagem. “Uma boa parte dessas suas passadas experiências ainda estava esperando para ser assimilada, mas era evidente que nunca conseguiria acomodá-las” (BELLOW, 1982, p. 7), diz o narrador. Assim, os sentimentos emergem desorganizados por Sammler: é evidente que ele se lembra do Holocausto, porém não está claro que papel desempenha nessa situação. Ao mesmo tempo que se coloca no seu papel costumeiro de perseguido, e teme ser pego em flagrante pelo criminoso por sua observação cotidiana, ele também é o perseguidor, que tem ao seu lado o aparato policial e a justiça para prender e punir.

No entanto, nessa cena, nada ocorre. É no encontro seguinte que os papéis se esclarecem, afinal o batedor de carteiras decide ir atrás de Sammler, que foge. O judeu, então, usa o que aprendera na Polônia a respeito de se esconder e escapar. Sem falar uma palavra, o criminoso mostra-lhe o pênis, o que lhe serve de lição, aviso, encontro, transmissão. Assim, uma situação aparentemente ameaçadora tem um caráter ambíguo, que leva Artur a identificar candura no olhar do batedor de carteiras e não se sentir forçado a ver o órgão, e sim solicitado. Depois, o negro ainda ajuda Sammler a se recompor.

A ambiguidade se resolve mais adiante, quando Sammler flagra Eisen agredindo fisicamente o ladrão negro. Eisen é o genro de Sammler, um russo

que emigrou para Israel e agora tenta ganhar a vida como artista em Nova York. Assim como Sammler, ele sofreu com os nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, porém, diferente do sogro, ele viu a saída na força física e na agressividade, seja na violência contra a esposa ou como forma de “fazer justiça”, o que ocorre ao confrontar o ladrão negro.

Ao deparar com a luta corporal entre Eisen e o negro, Sammler se coloca ao lado do ladrão. Ele defende o criminoso e manifesta sua simpatia por ele, porém foge com o agressor. Eisen, que dá os golpes, também tem a piedade de Artur, que justifica sua crueldade com o fato de ser vítima de guerra. E o negro, para ele, é apenas um megalomaniaco, com quem a identificação tem ápice na própria violência: ao se lembrar dos golpes a que assistiu, relaciona-os com o golpe que levou à perda do olho.

Há duas análises para o negro em *O Planeta do Sr. Sammler*. A primeira é que ele retoma as lembranças do protagonista em relação ao Holocausto, fazendo-o reelaborar as experiências vividas na Europa. Coloca-se na postura do perseguidor, ao mesmo tempo que possui compaixão com a vítima, por isso protege-o e também sente uma pressão no olho faltante ao vê-lo agir.

Entretanto, o batedor de carteiras também é, em *O Planeta do Sr. Sammler*, uma síntese de diversos fatores que, para Artur, representam a vida na América e essa nova sociedade na qual ele vive não se ajusta. Em primeiro lugar, o componente étnico: até ir para Nova York, é de se imaginar que Sammler não convivia com negros com a mesma frequência que os vê nos Estados Unidos. Segundo, a atração que o negro exerce sobre Sammler, que em diversos trechos é apresentada como algo inexplicável, mais ligado aos sentimentos do que à racionalidade. Também relacionado ao componente sexual, dado que a forma de mostrar poder do negro em relação a Artur é a exibição do pênis. É a posição de poder que a vida na América lhe impõe, a qual Sammler está se rendendo talvez, desde as relações sociais até a política, como visível no trecho:

Mas havia uma loucura sexual que estava submergindo o mundo ocidental. Sammler até se lembrava, vagamente, que

um presidente dos Estados Unidos teria se exibido de um modo similar aos representantes da imprensa (pedindo que as senhoras saíssem primeiro), querendo saber se um homem com o sexo tão bem desenvolvido não seria também merecedor da confiança do seu povo para dirigi-lo. (BELLOW, 1982, p. 66).

Tudo isso culmina na espécie de afeto e compaixão que ele sente ao vê-lo sendo agredido. Ele não quer que o negro morra, sabe que pessoas anacrônicas como Sammler precisam aceitar e conviver com o “novo”. Todo o sentimentalismo vai de encontro com a racionalidade que, até a Segunda Guerra Mundial, era tão defendida e bem resolvida para Sammler. Há, então, indícios da direção em que segue a transformação de Artur Sammler. Para um meio-termo em que apenas a racionalidade europeia não é suficiente, porém que as pulsões sexuais e os valores fúteis e românticos da América não resolvem. A terceira via, então, está no Oriente. Personificado por Govinda Lal e sua proposta de colonização da Lua, mas que também é uma ligação ao judaísmo, materializado em Israel. Um Oriente judaico, que une elementos da filosofia do professor Lal com o passado europeu, ao mesmo tempo que justifica sua posição de *outsider*.

Esse orientalismo coincide com as contradições identificadas por Clayton na prosa de Saul Bellow. Trata-se de uma alienação intrínseca ao protagonista e inevitável, porém que coexiste com um senso de todo, o todo judaico, e é por meio desse todo judaico que o indivíduo se liga à humanidade como um todo. Na diferenciação, Sammler consegue se identificar com aqueles que deveriam ser os mais estranhos a ele, o negro e o indiano. Embora haja pessimismo e criticismo à modernidade presentes em Sammler, bem como nas demais obras de Saul Bellow, há também, nas relações com o negro e com o professor Lal, quase uma ideia esperançosa de fraternidade entre as pessoas, e de possibilidade de laços que não se resumem à interação social.

## REFERÊNCIAS

BELLOW, S. Starting Out in Chicago. In: RUBIN, D. (Org.), **On Being (and Not Being) a Jewish American Writer**. New York: Schocken Books, 2005, p. 3-11.

BELLOW, S. **O Legado de Humboldt**. Tradução Fernando Py. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

BELLOW, S. **O Planeta do Sr. Sammler**. Tradução Denise Vreuls. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

BELLOW, S. **Novels 1956-1964 (Seize the Day, Henderson the Rain King, Herzog)**. New York: The Library of America, 2007.

BERMAN, A. Bildung et Bildungsroman. **Le temps de la réflexion**. Paris, v. 4, 1984.

CLAYTON, J. J. **Saul Bellow in Defense of Man**. Bloomington: Indiana University Press, 1968.

FRANZOS, K. E. O Barão Schmule. In: ROSENFELD, A. (Org.), **Entre dois Mundos**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

GUTTMAN, A. Saul Bellow's Mr. Sammler. **Contemporary Literature**, Madison, v. 14, n. 2, p. 157-168, abr./jul. 1973.

MALIN, I. (Org.). **Saul Bellow and the critics**. New York: New York University Press, 1969.

WELLS, H. G. **A Máquina do Tempo**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2010.